

Médico critica falta ESTADO DE SÃO PAULO * 3 J de ação preventiva

Da Sucursal do
RIO

Apesar de a experiência vir demonstrando que os gastos em medicina preventiva são mais rentáveis para a saúde da população que a medicina curativa, o Brasil vem dedicando verbas cada vez maiores a esta forma de medicina e colocando a medicina coletiva num papel secundário, afirmou ontem o diretor do Hospital de Clínicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, professor Jayme Lendman.

Ao falar no I Fórum Nacional de Previdência Social, o professor observou que o INPS, responsável por mais de 70% da assistência médica curativa no Brasil, gastou no ano passado Cr\$ 11 bilhões e 300 milhões com a medicina individual, ou seja, o dobro da quantia dispendida em 1974 e o triplo da verba aplicada em 1973. Este ano, enquanto o INPS e o Funrural dedicarão Cr\$ 28 bilhões à assistência médica, o Ministério da Saúde, encarregado da medicina preventiva só dispõe de Cr\$ 2 bilhões e 300 mil.

Jayme Lendman acrescentou que, pelos cálculos da Organização mundial da Saúde, dez dólares gastos por pessoa em saúde pública no Brasil provocariam uma redução de 3,9% na taxa de mortalidade infantil, enquanto a mesma quantia aplicada na medicina curativa só diminuiria a taxa de mortalidade em 1,2%.

A seguir, ressaltou que cabe à universidade ajudar o governo a selecionar medidas mais produtivas a serem aplicadas na área da saúde e assinalou que é preciso conscientizar as autoridades e o povo

para evitar que a medicina curativa continue um sorvedouro de verbas.

Ao analisar a aplicação dessas verbas, Jayme Lendman concluiu que sua expansão vem beneficiando mais a indústria farmacêutica, de equipamentos, os donos de casas de saúde e os médicos e pessoal paramédico do que propriamente a população em geral.

E lembrou que a indústria farmacêutica é atualmente das mais rentáveis e gasta um quarto de sua renda bruta em publicidade de medicamentos entre os médicos. Seus grandes lucros atraíram para o setor poderosas indústrias como a Lockheed, a United Aircraft, IBM, Zenith, Motorola ou mesmo a Philips Morris. No Brasil, segundo pesquisa realizada pela Ceme, em 1967 as vendas da indústria farmacêutica aumentaram em 100%, enquanto a distribuição de amostras grátis subiu 1000%.

Para demonstrar como o aumento de verbas no setor de medicina curativa não corresponde a uma melhoria do nível de saúde da população, Jayme Lendman citou o exemplo dos Estados Unidos que, entre 1955 e 1975, aumentaram os gastos em medicina individual em 600% e nesse período não se verificaram grandes alterações na saúde do povo. Apesar dos grandes dispêndios, de possuírem os melhores médicos e os melhores hospitais do mundo, os EUA só se classificaram em 10.º lugar em relação à mortalidade geral entre os países do mundo. Em 1974, por exemplo, enquanto os EUA gastavam US\$ 450 por habitante em medicina curativa, a Inglaterra gastava apenas US\$ 100 e, em relação à mortalidade geral, a Inglaterra classificou-se em 6.º lugar e os EUA em 19.º.